



**A TELENÓVELA COMO DISPOSITIVO DE ENCANTAMENTO RELIGIOSO: UMA
ANÁLISE DA NOVELA APOCALIPSE**

**THE SOAP OPERA AS DEVICE OF RELIGIOUS ENCHANTMENT: AN ANALYSIS
OF THE SOAP OPERA APOCALIPSE**

Gilvan Ferreira de Araújo¹
Paulo Henrique Basílio Santana²

Resumo: Este trabalho propõe analisar a mediação do discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus na novela Apocalipse, levada ao ar pela Rede Record de Televisão. Para isso, observamos como o livro bíblico e a representação de dois dos quatro cavaleiros do Apocalipse, o anticristo e o falso profeta, ou a besta e a guerra respectivamente, foram abordados na novela. Nossa análise foi feita nos capítulos que marcam cada uma das três fases do folhetim, buscando observar como foi construída as representações do bem e do mal de acordo com as interpretações da igreja.

Palavras-chave: Novela, mediação, representação

Abstract: This work proposes to analyze the mediation of the religious discourse of the Igreja Universal do Reino de Deus in the soap opera Apocalipse, aired by Rede Record de Televisão. For this, we observe how the biblical book and the representation of two of the four horsemen of the Apocalypse, the antichrist and the false prophet, or the beast and the war respectively, were approached in the soap opera. Our analysis was made in the chapters that mark each of the three phases of the booklet, seeking to observe how the representations of good and evil were constructed according to the interpretations of the church.

Keywords: Soap Opera, mediation, representation

1. Introdução

Este artigo se propõe a responder a seguinte questão: como a televisão é capaz de ressignificar e representar um assunto tão controverso como a religião? O objetivo geral é analisar de que maneira isso pode ser observado na telenovela Apocalipse (Vivian de Oliveira), levada ao ar pela Rede Record de Televisão (2017-2018). A discussão teórica está

¹ Professor do Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte, doutor em comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gilvan.araujo@uol.com.br

² Mestrando pelo PPGCOM da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Apoio Técnico A1 do GRIS/UFMG. E-mail: paulobasilio28@gmail.com



ancorada em dois conceitos: mediação e representação. Apesar de não estabelecer nenhuma confluência direta entre os dois conceitos, acreditamos que a ideia da representação presente em dispositivos midiáticos, como a telenovela por exemplo, pode colaborar para o entendimento de como o processo de mediação faz crescer suas raízes. Afinal, como lembra Braga (2012, p. 35), “[c]om a mediação crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade”. É nessa interação que a representação circula livremente.

Mediação se tornou um conceito chave, essencial para descrever as mudanças comunicativas ocorridas nos meios de comunicação de massa. Como propõe Fausto Neto (2006), o lugar de organização e de funcionamento seria a referência matricial da mediação. Para o autor, “[e]staria tal funcionamento diretamente associado a mecanismos de estratégias, segundo ações que tratariam de dar forma às suas manifestações e aos seus imbricamentos com outras práticas não midiáticas” (FAUSTO NETO, 2006, p. 2).

Com esse viés, a mediação é utilizada como “[u]m conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural”, como explica Gomes (2016, p. 01) que também alerta: “[m]uito embora vários pesquisadores utilizem o conceito de mediação, cada um lhe dá o significado que melhor lhe agrada” (*Ibidem idem*). Em outras palavras, podemos dizer que o conceito de mediação tem múltiplas vozes. Neste artigo, procuramos abordar esse conceito pela ótica de Fausto Neto (2010), Braga (2012) e Gomes (2010).

O conceito de representação também traz esse aspecto de uma construção múltipla. Como lembra França (2004), “[...] historicamente ele vem sendo construído nas fronteiras da sociologia, psicologia e semiótica”. Nas ciências sociais, os estudos sobre representações têm sua origem em Durkheim (1858-1917), para quem tanto a vida coletiva quanto a vida mental do indivíduo são feitas de representações e, por isso, podem, de alguma maneira, ser comparáveis. As representações são uma ordem de fenômenos cuja existência é revelada pela observação. Tal direcionamento de nossas ideias é dependente de processos mentais que guardam resíduos do passado, hábitos, preconceitos, tendências, enfim, tudo aquilo que constitui nosso traço moral.



Na psicologia, as representações ganham uma definição “social” e não mais “coletiva” como denominava Durkheim, a partir dos estudos do psicólogo social Serge Moscovici, publicados em 1961 sob o nome de *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Moscovici, na psicologia, assim como outros interacionistas simbólicos na sociologia, como Peter Berger, George Mead e Erving Goffman, acredita que as representações sociais estão relacionadas às simbologias sociais, ou seja, à dinâmica das trocas simbólicas nos ambientes sociais e nas relações interpessoais.

No campo da semiótica, as representações sociais aproximam-se do conceito de signo. Segundo França (2004, p. 15), “[a]s imagens, como os signos, estão submetidas a códigos, estruturadas em linguagens, realizadas em produções discursivas”. Entendemos que as telenovelas se constituem em uma dessas produções discursivas a que se refere a autora. Elas disponibilizam e dão a ver representações de aspectos da nossa realidade, como as tipificações do comportamento de classe, as distinções de gêneros e dogmas da religião, por exemplo.

O objeto empírico (a novela *Apocalipse*) será observado sob duas categorias de análise: as principais representações bíblicas presentes na trama e a construção do anticristo. Para isso, serão analisados os capítulos que marcaram cada uma das três fases da novela que tem como temática central o fim do mundo. Como a história foi contada em três fases distintas marcadas por tragédias de repercussão mundial, selecionamos os capítulos que marcam a narrativa em cada uma delas: a primeira se passa em 1987 quando um tsunami atinge um *resort* na Ásia; a segunda mostra o ataque ao *World Trade Center*, em Nova York, em 2001; e a terceira é marcada pelo “arrebamento” (ou o dia do juízo final), quando diversas pessoas são abduzidas misteriosamente. Cada capítulo terá sua análise baseada nos signos representados, também procuraremos observar se as descrições feitas no texto bíblicos sobre o fim do mundo e a aparição do anticristo são representadas de maneira fiel na novela.

2. Mídia e religião e a lógica do mercado de consumo

Trabalhamos aqui com a perspectiva de que a novela é um dispositivo midiático, estratégico no processo de mídiação, especialmente por trazer em si a capacidade de representações do cotidiano, provocando mediações entre aqueles que compõem sua audiência. Tais percepções em torno da mídiação têm sofrido fortes e importantes interferências de pesquisadores, o que as tornam sempre um campo aberto para novas reflexões. Por isso, pelo o problema apresentado, nos manteremos afinados com a discussão



da midiatização como um conceito de múltiplas vozes e o conceito de representação como um componente interativo do nosso objeto empírico (a novela *Apocalipse – Record – 2017-2018*) capaz de suscitar mediações a partir dos conteúdos bíblicos explorados na trama.

Hoje vivemos em uma sociedade midiatizada. Algumas áreas, como a política por exemplo, estão completamente dominadas pela lógica da aparência construída na relação com a mídia e se transformaram quase na única forma da maioria das pessoas entenderem as ações do poder e os políticos dos governos. Com as manifestações religiosas a coisa não é diferente. Segundo Gomes (2010, pp. 9-10), “Observa-se a crescente institucionalização de práticas de religiosidades, de diferentes naturezas, a partir de apropriação de referências e de operações que levam em conta o modo de existência da midiatização, dando origem ao fenômeno designado ‘Igreja Midiática’.”

São criações representativas desse fenômeno no Brasil, os cultos, as missas e os programas de aconselhamentos religiosos levados ao ar pela televisão aberta, e, mais recentemente, as minisséries e as novelas bíblicas que começaram a fazer parte da programação da TV Record.

A primeira minissérie levada ao ar pela emissora da Igreja Universal do Reino de Deus, em 2010, foi “A história de Ester”. Em dez capítulos foi contada a história de Ester, uma jovem judia que casou com o rei da Pérsia e salvou o povo judeu do extermínio. O sucesso de audiência de “A história de Ester” impulsionou a Record a produzir outras quatro minisséries: *Sansão e Dalila* (2011), *Rei Davi* (2012), *José do Egito* (2013) e *Milagres de Jesus* (2014-2015).

Em 22 de março de 2015, com um custo médio anunciado de R\$700 mil reais por capítulo, a Record estreou a sua primeira novela bíblica: “Os dez mandamentos” (Vivian de Oliveira). A produção de 140 capítulos, divididos em quatro fases, inaugurou um novo horário de novelas da emissora, às 20:30h. A trama contava a história de Moisés, desde o seu nascimento até a chegada à terra prometida conduzindo o povo hebreu (judeu), passando pelas sete pragas de Deus, a saída (fuga) do Egito pelo Mar Vermelho e o encontro com Deus no Monte Sinai. Depois de “Os dez mandamentos”, no mesmo horário, vieram: “A terra prometida” (2016-2017), *O Rico e Lázaro* (2017) e *Apocalipse* (2017-2018).

Gomes (2010, p. 15) lembra que “Hoje, o fenômeno religioso não está enclausurado, mas explode nas mais diferentes práticas e formas midiáticas”. A midiatização tem dado provas de que tal fenômeno não está retido aos meios, mas em todo um sistema de circulação



interacional. Como define Braga (2012, p. 38), “O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia”. No caso deste artigo, a partir da exibição da novela *Apocalipse*.

Esse “sistema de circulação interacional”, que é estimulado por todo o equipamento midiático e tecnológico acumulado por diferentes instituições religiosas, materializado sob a forma de redes e impérios televisivos, coloca em um campo de disputa toda a rivalidade entre o religioso e o profano, afetando práticas sociais específicas e interferindo em outras áreas. Um exemplo dessa interferência são as posições políticas adotadas pela “bancada evangélica”³ no Congresso Nacional. Os representantes dos evangélicos são contra temas como igualdade racial e de gênero, direito ao aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, violência e discriminação contra homossexuais, bissexuais e transexuais, eutanásia e castigos físicos impostos aos filhos pelos pais. A evidência de uma postura tradicionalista, que se apoia no discurso religioso e na moral excessiva, esconde os reais interesses econômicos por detrás dessa posição “religiosa”.

Um dos principais pontos para o fortalecimento da mediação do discurso religioso surgiu com a aproximação do final do segundo milênio, quando se multiplicaram as pregações em torno do fim do mundo. As igrejas pentecostais e a carismática católica, principalmente, voltaram-se para a conquista das massas, buscando mover multidões para a montagem do grande palco para o reino (ou a volta) de Jesus. De acordo com Gomes (2010, p. 31), a participação pela emoção era mais importante do que a simples crença. Nesse sentido, cada indivíduo deveria dar demonstrações de que estava engajado e comprometido com os ensinamentos religiosos, através do consumo de produtos anunciados e da doação de “esmolas”.

Dentre os produtos ofertados estava a criação de uma igreja universal e virtual. “Os templos são os próprios lares; os púlpitos são os aparelhos de televisão; o sinal da pertença ao grupo se expressa no consumo. Somente é fiel dessa Igreja aquele que possui capacidade de consumir alguns dos produtos por ela vendidos” (GOMES, 2010, p. 31). Ou seja, o ideal é ter cidadãos consumidores ou consumidores cidadãos, como diria Canclini (1996). No caso das igrejas, consumidores fiéis.

³ Bancada Evangélica é o nome dado à Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional do Brasil, composta por políticos evangélicos de diversos partidos. A bancada titular eleita em 2015 é composta por 87 deputados e três senadores. A Igreja Assembleia de Deus é a que possui o maior número de representantes na bancada, seguida pela Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Batista.



Como afirma Fausto Neto (2006, p. 4), “Estamos diante de uma nova forma de organização e produção social, onde o capital já não estaria mais apenas a serviço das estruturas, mas dos fluxos e da informação”. A midiatização se tornou a engrenagem para que o mercado se transformasse na forma libertadora das ideias simbólicas, fornecendo a matéria prima necessária para que as audiências pudessem trabalhar e transfigurar os produtos midiáticos. A perspectiva é que as audiências são capazes de elaborar o seu próprio sentido (mediação), uma vez que o conteúdo midiático é constantemente passível de interferências e interpretações divergentes (midiatização).

Apesar da proposta pós-modernista nos trazer a visão holística do relacionamento da mídia com a sociedade de maneira ampla, a ideia dos defensores do mercado é que ele é o principal fator na pressão sobre as mídias, fazendo com que elas se conectem às experiências sociais e preocupações de seus públicos. Olhando por outro ângulo, chegamos à mesma conclusão, ou seja, os produtos midiáticos podem ter avaliações e interpretações diferentes e, por isso, precisam se adaptar às necessidades e expectativas de sua audiência. Fausto Neto (2006, p. 4) alerta para o fato de que “[o]correm mudanças nos modos através dos quais o capitalismo organiza a vida social - suas estruturas e o modo de agir dos seus atores, dando origem às novas formas de mediação/intermediação”.

Nesse sentido, podemos pensar que a novela Apocalipse foi produzida para ser não apenas um reforço de uma narrativa religiosa, mas um produto de uma igreja⁴ para ser consumido, onde a sua audiência não é composta por um público qualquer, mas por um conjunto de fiéis consumidores. A ideia de mercado aqui se mistura, uma vez que a relação entre igreja e mídia é circulante e imbricada. Até onde o fiel é o telespectador ou até onde o telespectador pode também ser um frequentador da Igreja Universal? O ponto de confluência entre esses dois atores (o fiel e o telespectador) se faz pela midiatização da igreja, tornando os dois praticamente um só: o fiel consumidor. Se os dois apresentam pontos de convergência, não seria viável a Igreja Universal desempenhar um discurso diferente daquele que é levado ao ar pela novela em seus cultos, afinal, se assim o fosse, a igreja estaria promovendo uma contradição de sua própria fala.

Se a questão da afinação do discurso está resolvida, então para que serve a novela? A resposta provavelmente passa pela mercantilização do discurso da igreja, através de um

⁴ É do conhecimento público que a Rede Record de Televisão é de propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus, uma “seita” evangélica (Weber, 2007) cujo líder mundial é o “bispo” Edir Macedo, que faz parte da lista dos 100 homens mais ricos do Brasil.



processo de midiática que tematiza e publicita a questão religiosa, provocando o confronto entre discursos especializados a partir de uma visão específica da Igreja Universal sobre os assuntos religiosos abordados. Através da encenação dos atores e com uma narrativa atual baseada nos ensinamentos bíblicos, além de cenários facilmente reconhecidos e familiarizados através da televisão, a novela *Apocalypse* ilustra os ensinamentos da Universal e tenta encantar seus fiéis telespectadores. O discurso religioso, e ao mesmo tempo liberal, conduz a trama através das representações de uma vida cotidiana de seus personagens, desenvolvendo um roteiro que explica que o acúmulo de riquezas deve ser conquistado sem perder a ética religiosa (WEBER, 2007), assim como é ensinado na igreja. O investimento é na conquista de fiéis consumidores, tanto do produto midiático quanto das pregações e outros produtos anunciados do púlpito por seus pastores. A partir daí, as interações entre os diversos públicos da novela se encarrega do resto. Como garante Braga (2012, p. 51), “[l]onge de caracterizar uma contraposição ou ruptura entre ambos, a midiática se põe hoje como principal mediação de todos os processos sociais”.

A telenovela, dessa maneira, se torna um dispositivo midiático usado como um instrumento ou suporte para tematização e propagação de discursos bíblicos específicos e prioritários para a Igreja Universal, onde o uso da tecnologia empregada na produção de seus capítulos, que são transmitidos por diversos aparelhos digitais não menos tecnológicos, são apenas, como diz Gomes (2008, p. 20), “[a] ponta do *iceberg* de um novo mundo”. Para o autor, é evidente que estamos vivendo uma mudança de época, “com a criação de um bios midiático que incide profundamente no tecido social” (*Ibidem*, p. 20).

A midiática é vista por alguns autores, como Gomes (2008) por exemplo, como um conceito que supera o de mediação para o entendimento da televisão. Embora, outros autores, como Sodré (2002), prefiram denominar a midiática como “mediação tecnológica”, não podemos negar que a sociedade midiática transformou a todos nós em possíveis protagonistas de nossas próprias histórias, podendo compartilhá-las através dos dispositivos tecnológicos disponíveis para tal publicidade. Nos dias atuais, podemos dizer que aquilo que não é registrado midiaticamente não aconteceu e, portanto, não existiu. Nesse sentido, a midiática trouxe uma nova forma de ser e estar no mundo.

Entretanto, a crítica também é possível ao observamos que a disputa pela visibilidade de discursos específicos obedece uma estratégia de mercado, escondendo a necessidade de um debate público e amplo sobre problemas sociais sérios, como a pobreza e a violência por



exemplo. Para Carran (2007, p. 36), os estudos de mídia excluíram a discussão sobre as desigualdades de classe e colaboram na perpetuação de mitos que mascaram privilégios herdados e que legitimam essas desigualdades. Na novela *Apocalipse*, a desigualdade social é legitimada através da naturalização da pobreza e da exibição da riqueza como uma meta a ser atingida, assim como em alguns cultos da Igreja Universal que pregam a ascensão financeira como uma dádiva a ser alcançada pelo sacrifício e o trabalho árduo, além de doações para a instituição.

3. A venda de sentidos nas representações de Apocalipse

Nossa abordagem metodológica está baseada em uma análise comparativa entre as escrituras bíblicas presentes no livro *Apocalipse*, escrito pelo apóstolo João entre os anos de 90 e 95 d.C., que descreve os fins dos tempos quando Deus virá julgar todos os seres humanos, e as representações do livro na telenovela. O professor Felipe Aquino (2016)⁵, falando sobre o livro diz:

O *Apocalipse* não pretende dar uma descrição antecipada dos acontecimentos do futuro, mas de apresentar uma mesma realidade sob vários símbolos diferentes; e tudo é feito com uma linguagem intencionalmente figurada para despertar a atenção do leitor, que estava acostumado ao gênero apocalíptico usado pelos judeus.

A principal mensagem do livro, segundo o professor Aquino (2016 *Ib. Id.*), é a de que Deus é o senhor da história dos homens e Ele virá para dar a vitória aos justos, acima do sofrimento e da morte. No livro fica claro que é impossível ao ser humano escapar das lutas e dos sofrimentos causados pelas perseguições e dos fracassos aparentes no plano terrestre. A salvação será uma realidade concedida por Deus aqueles que Ele considerar merecedores.

Antes da vinda de Deus, a terra sofrerá com o ataque dos quatro cavaleiros do *Apocalipse*: a Peste (a besta ou anticristo), a Guerra, a Fome e a Morte.

O primeiro cavaleiro aparece montado em um cavalo branco, empunhando um arco e com uma coroa na cabeça, pronto para ser vencedor (*Apocalipse* 6:1-2). Esse cavaleiro é o anticristo e o arco representa que ele terá grande alcance e a coroa significa que ele reinará sobre a terra. O segundo cavaleiro surge em um cavalo vermelho, empunhando uma grande

⁵ Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2016/04/04/como-entender-o-livro-do-apocalipse/> Acessado em: 02/04/2018.



espada. Ele tem poder para tirar a paz e fazer com que as pessoas matem umas às outras (Apocalipse 6:3-4). Ele é representado na novela como o “falso profeta”. O terceiro cavaleiro vem montado em um cavalo preto e empunhado uma balança. Quando aparece, uma voz diz o preço da comida nesse tempo (Apocalipse 6:5-6). A balança representa a compra e venda – trocas comerciais. Ele representa a fome. O quarto cavaleiro vem montado em um cavalo amarelo (ou verde amarelado), cor associado à cor de um cadáver. Ele tem a capacidade de matar um quarto de toda a vida na terra, por isso ele representa a morte.

A bíblia não diz quando os cavaleiros do Apocalipse virão a terra. Contudo, em Apocalipse 20 fala-se dos mil anos antes do fim do reino de Deus. Muitos acreditam que já estamos vivendo dentro desses mil anos. Em Apocalipse (19:11-13) Jesus virá para lutar contra os inimigos de Deus. O anticristo e o falso profeta serão lançados no lago de fogo e seu exército de seguidores será destruído.

3.1. O Apocalipse em três fases

Elencamos como eixos de análise quatro representações presentes na novela e que conduzem toda a narrativa: *i)* a representação do mal, *ii)* a representação do bem, *iii)* a representação do falso profeta e *iv)* a representação do anticristo. Para tanto, além de assistir toda a novela⁶, selecionamos os capítulos 1, 14 e 56 que marcam o início de cada uma de suas três fases. A partir dessa seleção, analisamos cada um observando os eixos de representação selecionados.

3.1.1. Primeira fase: a preparação para vinda do anticristo

O primeiro capítulo marca o começo da primeira fase da novela, a trama começa em 1987 mostrando o tsunami que atingiu a Indonésia. Todos os acontecimentos são narrados pelo anticristo⁷ (Sérgio Marone), apresentado no capítulo como sendo o próprio Satanás. Em suas primeiras falas ele se mostra como um inimigo permanente da humanidade e destaca sua incessante busca em prejudicar os seres humanos. A novela atribui a culpa de todos os desastres que já aconteceram e que vão acontecer ao diabo. O capítulo procura apresentar que os desastres e tristezas do mundo são provocadas pelo mal representado na figura do diabo.

⁶ A novela ainda está no ar na Rede Record de Televisão.

⁷ O anticristo é o primeiro dos quatro cavaleiros do Apocalipse. A besta, como também é denominado, virá montada em um cavalo branco e se vai se apoderar da terra, sendo vitoriosa na instalação de seu reino do mal.



A trama não tem o seu desenrolar só em um local, os desdobramentos da primeira fase da história acontecem em três países: Brasil, Israel e Estados Unidos da América. Em Jerusalém os pais de dois jovens são enterrados devido a tragédia do tsunami, a partir daí é mostrado algumas famílias judias. Fica em evidência a família de Débora, uma jovem judia, que mesmo estando noiva, decide estudar biomedicina nos Estados Unidos. A cidade do Rio de Janeiro sofre com as ações de um assassino em série, que mata suas vítimas de maneira padronizada e com queimaduras semelhantes e simétricas, além de marcas em seus lábios. As ações do *serial killer* se assemelham as de um ritual demoníaco. Dois policiais perseguem e tentam prender o assassino, mas falham e quase são mortos devido a um acidente de carro.

Débora vai para Nova Iorque e começa a estudar na mesma universidade de seu primo Alan. Nessa parte aparece uma sombra preta que é própria representação do mal, a sombra chega a tomar a forma de um anjo, sempre que ela aparece a trilha sonora é tensa e mostra um certo suspense. Essa sombra faz com que Débora e Adriano (amigo de Alan) se apaixonem. Os dois tem um filho. Essa criança se chama Ricardo e é o anticristo. O próprio narrador apresenta o casal como seus pais. Ele também justifica a escolha dos seus pais, sendo uma judia e um italiano, ele usa do suspense e fala que em breve o telespectador saberá o motivo.

Neste capítulo o mal é representado pela sombra que paira sobre algumas personagens e também pelo narrador. O bem ainda não se mostrou completamente, algumas famílias de judeus, como também famílias evangélicas, pastores e pessoas de fé são apresentadas, no entanto não são identificadas como aquelas que fazem oposição ao mal.

3.1.2. Segunda fase: o anticristo já está entre nós

O décimo quarto capítulo marca o começo da segunda fase da novela, 14 anos se passaram na trama que agora está no ano de 2001. Novas personagens aparecem, aquelas da primeira fase estão visivelmente envelhecidas e as crianças se tornaram adultos. Nesta fase apresentam-se também cenas ambientadas em Roma (Itália). A mesma sombra continua presente, desta vez influenciando um Sacerdote, mestre da religião fictícia Sagrada Luz. Stéfano (Flávio Galvão) é na verdade o que o livro do Apocalipse denomina de “falso



profeta”⁸ e mentor de Ricardo (Sérgio Marone), o anticristo. Ele é responsável pelo assassinato de algumas pessoas e suas ações e crimes são presenciadas pela sombra.

Numa cena desse capítulo, ele é apresentado como um grande professor para Ricardo. Isso nos mostra que desde criança, ele já foi apresentado à sua missão, governar o mundo e destruí-lo. Stéfano ensina como Ricardo deve falar e como o poder é melhor apreciado quando se é adorado em vez de ser temido. Ao colocar o cavaleiro da Guerra como mentor do anticristo, a novela procura dizer que o anticristo foi preparado para levar o mundo a uma guerra mundial sem precedentes que levará ao fim do planeta.

No Rio de Janeiro, a novela nos mostra a celebração de um culto evangélico, enquanto um pastor fala do amor de Cristo e sua misericórdia, o narrador (satanás) critica toda ação “do velho gagá”, as falas soam como uma certa influência aos ouvintes do culto, é falado sobre sono, cansaço e preguiça e alguns fiéis começam a bocejar quase que simultaneamente. Mesmo assim um jovem aceita e se converte à religião. A cena termina com a fala do narrador: “[...] é, não se pode ganhar todas”.

A cena em questão nos mostra como a novela responsabiliza o próprio diabo pelo cansaço que os fiéis podem ter na igreja. A preguiça e desânimo de ir para o culto também são obras do demônio.

Enquanto o capítulo mostra imagens do atentado ao *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque. O narrador, falando como se fosse o próprio demônio fala de seus planos para destruir o mundo. É como se o mal estivesse sempre à espreita, esperando uma oportunidade para acabar com o bem.

Em contrapartida, o bem é algo a ser buscado todos os dias e com muito esforço. Um exemplo é o filho de uma família simples e evangélica que sonha em ser médico, porém tem medo de não conseguir. Na cena, seu pai logo o repreende e diz: “basta se esforçar e ter fé”. Tal fala tem a ver com a ideia de meritocracia, o pensamento segundo o qual cada um está onde merece devido ao seu próprio esforço. É sabido que o protestantismo tem suas raízes no capitalismo, na busca pelo acúmulo de riquezas não apenas no céu, mas também aqui na terra. A ideia é que através do trabalho, e com a ajuda de Deus, se alcança a prosperidade. Questões muito bem promovidas pela Igreja Universal do Reino de Deus, presentes em várias de suas

⁸ Falso profeta no livro Apocalipse (13.11) é descrito como o maior impostor da história. Ele se proclama como detentor de dons do Espírito Santo, mas na verdade é um falso dom carismático, com o uso desse dom para fins demagógicos ou demoníacos. O falso profeta é a segunda besta (Apocalipse: 16.13) e vem em um cavalo vermelho empunhando uma espada manchada de sangue. Fonte: <https://www.universal.org/noticias/quem-seria-o-falso-profeta-descrito-no-livro-de-apocalipse> Acessado em: 02/04/2018.



campanhas. Essa pequena frase de um pai para um filho, mostra o alinhamento de um discurso histórico sobre merecimento e a constituição de riquezas.

O bem é representado pela fé daqueles que são evangélicos, enquanto o mal pode estar em outros lugares, especialmente em outras igrejas habitadas por falsos profetas. A alusão a igreja católica é evidenciada nas representações dos ritos e roupas utilizadas nos cultos do falso profeta, além do que a sede da igreja fictícia na novela está situada em Roma, assim como o Vaticano.

3.1.3. Terceira fase: o arrebatamento

A terceira fase da novela ainda está em andamento. Esta fase se passa nos dias atuais, quando o anticristo não é mais uma criança. Ele se tornou um jovem muito rico e sedutor, prestes a assumir o controle de uma grande empresa de tecnologia herdada de seu avô. O arrebatamento acontece ao fim do 56º capítulo.

Mal e bem são claramente notados por pessoas que são cristãs e assíduas em sua fé e congregação, e pessoas que zombam e criticam ações dos cristãos. É praticamente assim que é feita a separação dos que são arrebatados e dos que ficarão na terra.

O capítulo do arrebatamento teve um tratamento especial por parte da TV Record que não mediu esforços para chamar a atenção dos telespectadores. A retirada dos “salvos” da Terra foi informada desde o primeiro telejornal da manhã do canal até a hora em que o capítulo foi ao ar. Foi inserido até um timer na tela informando quanto tempo faltava para ir ao ar o capítulo daquele dia.

Neste capítulo a novela usou a bíblia de maneira literária. Enquanto as pessoas sumiam em cenas, eram apresentados trechos da bíblia correspondentes às imagens. Por exemplo, o texto de Apocalipse diz: quando dois homens estiverem no campo, uma irá simplesmente desaparecer. Aconteceu exatamente assim em uma das cenas.

Foi mostrado também pessoas que criticavam os evangélicos e zombam das pregações e palavras dos pastores. Essas pessoas ficaram na Terra, não foram salvas, enquanto seus amigos e parentes foram arrebatados por acreditaram na palavra de Deus. Todas as crianças foram salvas, independente da crença de seus pais ou cultura. Pilotos e motoristas evangélicos também desapareceram enquanto estavam exercendo sua função, isso causou vários acidentes



como helicópteros caindo, aviões explodindo, carros colidindo com outros veículo, entre outros.

O arrebatamento faz que o bem saia da Terra, no entanto, um novo bem é revelado, são pessoas que não eram “santas” o suficiente para serem arrebatadas, no entanto são cristãs e agora com o acontecido se agarraram com mais força e fé na religião para tentar se salvar numa outra oportunidade. O mal continua sendo fortalecido, a sombra aparece ao lado de Stéfano, o líder da religião Sagrada Luz, e ele se alegra com o acontecido. O capítulo tem seu fim com o anticristo sorrindo dizendo que agora é a sua vez.

Considerações Finais

Apocalipse é quase panfletária a favor da Igreja Universal. A trama deixa claro que somente os evangélicos (protestantes) irão ser salvos por Deus. Por isso o capítulo 56 que tratou do arrebatamento foi tão propagado pela emissora. Foi preciso mostrar para o maior número de fiéis da igreja o que irá acontecer no fim do mundo, na visão dos bispos é claro.

A narrativa mistura passagens bíblicas com leituras interpretativas da igreja. Por exemplo, entender o primeiro cavaleiro do Apocalipse como sendo o demônio é uma interpretação. Muitos acreditam que o arco e a coroa representam o poder de Deus e não do demônio. Como o livro do Apocalipse é cheio de simbologias, existe uma margem muito grande para diferentes interpretações. Contudo, a novela apresenta uma versão da Igreja Universal sobre o livro bíblico e não se propõe a discutir ou refletir sobre as escrituras sob outros olhares. A sensação que se tem ao assistir à novela é muitas vezes de medo. Esse sentimento é trabalhado pela representação do mal, incorporado em alguns personagens e em suas atitudes perversas.

O medo é necessário para que os telespectadores e fiéis da igreja busquem a salvação, ou seja, a própria igreja. Ao demonstrar como os protestantes são ridicularizados e insultados na novela, a Universal quer dizer o mesmo para os seus fiéis. E, como na novela, promete a todos aqueles que acreditam na igreja a salvação de seus pecados.

As representações são estereotipadas exatamente para não dar margens de erros a outras interpretações sobre a versão da narrativa apresentada. Inevitável também não perceber que a novela faz uma crítica direta à igreja católica, colocando o falso profeta, líder da igreja Sagrada Luz, vestido como um papa e vivendo em Roma. O anticristo é representado por um



belo rapaz, milionário e atraente. A ideia é para mostrar que o mal tem diversas faces, especialmente quando lobos se vestem em peles de cordeiros.

Apocalipse é, portanto, uma alegoria do discurso da Igreja Universal e se constitui na miatização dessa fala, transformando a narrativa em uma ilustração das palavras ditas por seus pastores em seus milhares de cultos ao longo dos anos.

Referências

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais**. In: MATTOS, M.A., JANOTTI JR., J., e JACKS, N. (Orgs.). **Mediação & miatização** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CURRAN, James. **Teoria midiática e cultural na era do liberalismo de mercado**. Trad.: Bruno Campanella. In: **Novos rumos da cultura da mídia: indústrias, produtos, audiências**.

FREIRE FILHO, João, HERSCHMANN, Micael. (Orgs.). Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FAUSTO NETO, Antônio. **Miatização, prática social-prática de sentido**. 5º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 6 a 9 de junho de 2006. Disponível em: http://www.compos.org.br/busca_anais.php?idEncontro=MQ==&termoBusca=Fausto%20neto Acessado em: 03/03/2018.

FRANÇA, Vera R. V. **Representações, mediações e práticas comunicativas**. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lucia Follain de. (Orgs.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2004.

GOMES, Pedro Gilberto. **O processo de miatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade**. Relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, Antônio [et al] **Miatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

GOMES, Pedro Gilberto. **Da Igreja eletrônica à sociedade em miatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Antropologia do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2007.